

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Contexto Educacional de Crianças Surdas

Educational Context of Deaf Children

Contexto Educativo de los Niños Sordos



Carine Mendes Garbin Diesel

Universidade Feevale (FEEVALE), Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil
bicksilva2021@gmail.com



Viviane Cristina de Mattos Battistello

Universidade Feevale (FEEVALE), Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil
vivimattos@feevale.br



Rosemari Lorenz Martins

Universidade Feevale (FEEVALE), Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil
rosel@feevale.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o contexto educacional de crianças surdas, reconhecendo a função da língua na construção da identidade e considerando que esta se constitui a partir da significação. Para tanto, buscou-se analisar pesquisas sobre a temática, a fim de traçar um panorama geral dos estudos empreendidos de janeiro de 2018 a dezembro de 2019, no Brasil, sobre a referida temática. A partir da análise de dados, os resultados mostraram que são necessárias mudanças no contexto educacional de crianças surdas, na busca por um espaço de constituição de sua identidade, o que remete à necessidade de refletir sobre a formação docente.

Palavras-chave: Ensino. Surdez. Formação Docente. Bilinguismo. Identidade Surda.

Abstract: This article aims to reflect on the educational context of deaf children, recognizing the role of language in the construction of identity and considering that it is constituted from meaning. To this end, we sought to analyze research on the theme, in order to outline an overview of the studies undertaken between January 2018 and December 2019 in Brazil on the aforementioned theme. From the data analysis, the results showed that changes are needed in the educational context of deaf children, in the search for a space for constituting their identity, which refers to the need to reflect on teacher education.

Keywords: Teaching. Deafness. Teacher Education. Bilingualism. DeafIdentity.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el contexto educativo de los niños sordos, reconociendo el papel del lenguaje en la construcción de la identidad y considerando que se constituye a partir del significado. Para ello, se buscó analizar la investigación sobre el tema, con el fin de esbozar un panorama de los estudios realizados entre enero de 2018 y diciembre de 2019 en Brasil sobre el tema mencionado. A partir del análisis de datos, los resultados mostraron que se necesitan cambios en el contexto educativo de los niños sordos, en búsqueda de un espacio para constituir su identidad, lo que se refiere a la necesidad de reflexionar sobre la formación docente.

Palabras clave: Docencia. Sordera. Formación Del Profesorado. Bilingüismo. Identidad Sorda.

Data de submissão: 31/10/2020

Data de aprovação: 18/02/2021

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, foi regulamentada pela Lei 10.436 e oficializada em 24 de abril de 2002, sendo reconhecida, no Art. 1º, como um meio legal de comunicação e expressão, como um sistema linguístico de natureza visuo-motora, que contém uma estrutura gramatical própria e constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Nesse contexto, evidencia-se a formação docente para o ensino de LIBRAS na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental que está prevista no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, no Art. 5º, segundo o qual a instrução deve ocorrer em LIBRAS e em Língua Portuguesa escrita, viabilizando uma formação bilíngue (BRASIL, 2005). Uma vez inserida na escola, a LIBRAS oferece ao aluno surdo um aprendizado mais efetivo, também no tocante à compreensão da língua portuguesa.

Ademais, é necessário observar e respeitar a cultura e a identidade surda, sobretudo, reconhecendo o valor de sua forma de expressão comunicativa, como princípio primordial dentro do contexto da língua brasileira de sinais (LIBRAS). Para traçar um panorama sobre os estudos realizados no Brasil, relativos às crianças surdas e atender ao objetivo geral de refletir sobre o contexto educacional de crianças surdas, buscou-se pesquisas no repositório Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), mantido pelo

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)¹, vinculado ao Governo Federal.

Desse modo, o artigo está estruturado em quatro partes: na primeira, apresenta-se a introdução; na segunda, discorre-se sobre o contexto educacional da criança surda; na terceira, é trazida a metodologia; na quarta seção discutem-se os resultados e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

Papel da Linguagem para o Sujeito Surdo

No início do século XX, a diversidade, no contexto educacional, foi evidenciada em relação às crianças surdas e, com isso, obtiveram o direito de se tornar um cidadão com uma educação diferenciada no aspecto da utilização de uma língua visual-gestual. Segundo Souza *et al.* (2014), é importante notar que a educação dos alunos surdos está prevista na legislação, a qual assegura uma educação que contemple os surdos em virtude da necessidade da língua.

Após o reconhecimento da LIBRAS como língua, conforme a Lei federal 10.436 (BRASIL, 2002), ocorreram mudanças significativas na visibilidade da comunidade surda. A mais importante conquista e mudança diz respeito à educação. As escolas específicas para surdos agora utilizam o bilinguismo para formar o sujeito, o cidadão surdo. Quanto mais cedo o surdo tiver contato com sua língua, mais sua identidade será fortalecida, porque o

¹ BDTD-IBICT-<https://btdt.ibict.br/vufind/>

desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda é desenvolvido por meio da língua de sinais, que facilita seu processo de aprendizagem (SOUZA *et al.*, 2014).

A identidade, por sua vez, é construída por meio da apropriação de modos de ação culturalmente elaborados a partir do contato social. Isto é, através da interação, o sujeito internaliza e torna seu o modo de ação partilhado com o outro. Com base nisso, pode-se dizer que a identidade do sujeito dependerá de como ele se relaciona com o meio em que vive, corroborando Vygotsky (1989).

Essa interação do sujeito com o mundo e com o outro se dá pela linguagem. É por ela que o sujeito age sobre o outro, não só transmitindo mensagens e exteriorizando seu pensamento, mas “sendo ao mesmo tempo transformado pela ação da linguagem do outro” (HENTZ, 2011, p. 3). De modo semelhante, a linguagem não é entendida como um produto acabado, porém, como construída historicamente nas e pelas relações sociais. Isso significa que a linguagem não é um referente fixo, ela vai se modificando a cada interação dos sujeitos.

Sendo assim, acredita-se que as relações diferentes e linguagens diferentes produzem identidades diferentes e, por conseguinte, considera-se que o surdo, ao se comunicar usando uma linguagem diferente, possui uma identidade distinta, que está intrinsecamente relacionada à identidade surda. Contudo, essa identidade surda pode se modificar, em função dos diferentes tipos de comunicação que o surdo estabelece com as pessoas com as quais convive, sejam elas

surdas e/ou ouvintes, que se comunicam com ele de diferentes modos, por meio da oralidade, de sinais ou das duas formas (SKLIAR, 2011).

Se a interação do sujeito com o mundo e com o outro se dá pela linguagem, é nessa simbiose, em que estão inseridos aspectos individuais e coletivos, que o sujeito vai construindo sua identidade. O ser surdo, o estar surdo, o conviver surdo, enfim, constituir-se surdo, necessita do convívio com pessoas e profissionais surdos para ter referência ou, até mesmo, para ter a possibilidade de observar, de pensar e de reestruturar o pensamento. Um desses modelos são os professores surdos, os quais, em muitos momentos da história de vida do sujeito surdo, serão os únicos iguais.

As crianças e os jovens que hoje se encontram na escola são instigados a valorizar elementos importantes na cultura surda, resultados de lutas de uma geração de surdos mais velhos. Trata-se, pois, de uma cultura de identidade e diferenças. Quadros (1997) alerta que o papel da escola de surdos vai além das paredes do ambiente; ela deverá propiciar o entendimento da relação pais e filhos, uma vez que, no geral, esses pais são ouvintes e não conhecem a língua de sinais. A escola de surdos é o lugar onde a língua de sinais é reconhecida e incorporada em seu cotidiano. A cultura surda tem, em sua língua de sinais, a mais forte conotação de identidade, e os professores, tendo fluência e conhecimento sobre a cultura surda, promovem a aprendizagem do aluno surdo.

A escola de surdo é um espaço importante, tanto para as crianças surdas quanto para suas famílias, que a partir da imersão neste contexto de construção, não só de aquisição de linguagem, mas também de conhecimento de construção de identidade, autonomia, cidadania, estas se constituem não só a partir as suas relações familiares, mas também sociais. A família reconhece neste filho, o filho 'surdo', e o surdo se reconhece como membro de um grupo historicamente constituído, reforçando assim, sua autoestima, identidade e criando condições para que este surdo assuma seu papel na sociedade, ocupe seu espaço e participe como cidadão do contexto social (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 572-573).

Assim sendo, ter modelos surdos na escola, que possam transmitir valores, facilita aos surdos a aquisição de sua língua natural, da identidade e da cultura, o que lhes permite um desenvolvimento global e uma real inserção no mundo de que fazem parte. O fato de haver escolas de surdos não significa, contudo, que todos os elementos dessa escola são para surdos. Na maioria das escolas, inclusive, há mais professores ouvintes do que professores surdos.

Não cabe aqui discutir a língua de sinais, uma vez que, para trabalhar com o surdo, o profissional deverá conhecer Libras e ter fluência na língua, além de conhecer e valorizar aspectos da cultura e da comunidade surda, mesmo se for ouvinte. Nesse sentido, cabe citar as contribuições dos primeiros pesquisadores surdos: Gisele Rangel (2004), Mariane Stumpf (2005), Gladis Perlin (2002) e Wilson Oliveira Miranda (2007), que construíram o grupo de mobilização e luta pelos direitos dos surdos. A partir do pré-evento do V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue,

realizado na cidade de Porto Alegre/RS, escreveram e divulgaram que o professor que não tem fluência e nem conhece a cultura surda pensa que o português é mais importante que a língua de sinais. Foram os primeiros surdos a se graduarem e continuarem seus estudos. Atualmente, são doutores em educação e funcionários de universidades federais e continuam engajados na história do surdo.

Metodologia

O delineamento do estudo tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica. Para traçar um panorama dos estudos brasileiros sobre a educação das crianças surdas, buscou-se por produções científicas produzidas no período entre janeiro de 2018 a dezembro de 2019, em língua portuguesa, por meio eletrônico na base de dados *BDTD*-Banco Digital de Teses e Dissertações, mantido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com vista a localizar as palavras-chaves “professor” e “surdo”.

A partir da busca, foram encontrados 90 trabalhos. Depois de uma leitura prévia dos resumos dos textos, foram selecionados dois que atendiam os critérios estabelecidos, quais sejam, estar redigido em português e abordar a relação entre professor (surdo ou ouvinte) e aluno surdo na educação básica. Realizou-se, então, o fichamento dos textos escolhidos, o que consiste em uma técnica de

trabalho de documentar as ideias e informações de uma obra, com vistas a organizar os materiais para a efetivação da pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Após esse procedimento foi realizada a análise temática e a interpretação dos textos selecionados, englobando: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. A interpretação é uma etapa fundamental, pois, "não é possível que o pesquisador detenha sua atenção exclusivamente no conteúdo manifesto dos documentos" (TRIVIÑOS, 1987, p. 162). Na sequência, realizou-se a sistematização e compreensão dos dados coletados, compilando-os. Os resultados obtidos são apresentados e discutidos na seção que segue.

Resultados e Discussão

Após a busca na base de dados BDTD, constatou-se que a maioria dos estudos envolvia pesquisas sobre professores surdos no ensino superior ou professores ouvintes/bilíngues com alunos surdos. A partir desse panorama, verificou-se que dos 90 estudos analisados, apenas dois desses trabalhos destacaram-se pela similaridade com o tema escolhido para este trabalho: a dissertação de Hautrive (2011) e a tese de Queiroz (2013).

A pesquisa de Hautrive (2011), intitulada Aprendizagem docente de professores alfabetizadores de aprendizes surdos, "volta-se à compreensão dos processos implicados na construção da docência de professores alfabetizadores

atuantes com aprendizes surdos”. Com aportes teóricos vindos das teorizações de Vygotsky (1989) e Bakhtin (1998), a investigação apresenta três achados: a incipiência, a produção e a consolidação da docência para surdos. Para chegar a essas conclusões, a autora analisou narrativas de professoras alfabetizadoras, vindas do curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e de uma escola de surdos da cidade de Santa Maria. Contudo, além de utilizar bases teóricas bastante diferentes das propostas para este projeto, o trabalho não trata especificamente de alfabetizadores surdos, nem dos processos identitários que envolvem as relações entre esses docentes e os alunos surdos.

A tese de Queiroz (2013), intitulada Contribuições da Sociolinguística Educacional à formação do professor alfabetizador/letrador de alunos surdos, tratou das possíveis contribuições do campo conceitual da Sociolinguística Educacional – conforme teorizações de Bortoni-Ricardo (2004) para os processos de alfabetização e de letramento de surdos. Utilizando uma metodologia etnográfica colaborativa de cunho qualitativo, a autora observou práticas pedagógicas de uma turma de alunos surdos e também ofertou um curso de aperfeiçoamento aos professores para surdos da região. Concluiu que ainda são necessárias novas ações de formação desses profissionais, bem como capacitações sociolinguísticas.

Além dessas duas pesquisas, também se encontrou, fora do BDTD, um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do

curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, intitulado “Me ensinou diversas coisas sobre ser surdo: narrativas sobre o fazer docente na educação de surdos”, de Zanini (2018). No referido trabalho, a autora analisou narrativas de professoras e de alunos de escolas para surdos, tendo tido como pergunta de pesquisa “o que nos ensinam as narrativas produzidas pelos sujeitos da educação de surdos sobre ser docente nesse espaço?”. Como resultados, Zanini (2018) refere que as narrativas apontam para a importância da fluência linguística em LIBRAS, para o papel do docente como aquele que possibilita a constituição da identidade surda e, conseqüentemente, para a manutenção da cultura e da comunidade surda, dando destaque aos professores surdos. Aponta, também, para a relevância da relação professor/aluno e para a importância do professor surdo na escola e discute as possibilidades de atuação do professor ouvinte nesse espaço.

Zanini (2018) destacou, ainda, em seu trabalho, que nem sempre as línguas de sinais foram estimuladas ou aceitas nas escolas. Durante aproximadamente 100 anos, desde o Congresso de Milão, em 1880, em que foi defendida a filosofia oralista, o uso de sinais pelos surdos foi proibido, porque “a língua de sinais era considerada inferior e deveria ser rejeitada, uma vez que se alegava que ela dificultava o aprendizado da fala oral das crianças” (ZANINI, 2018). Todavia, muitos surdos fracassaram diante da oralização, apresentando baixo rendimento escolar, atraso no

desenvolvimento global e na manutenção de sua exclusão social. Segundo,

depois de quase um século de opressão da língua de sinais, ficou claro que foram poucos os casos de sucesso através do método oral de ensino, ou seja, a partir da dificuldade de oralização de uma boa parte dos alunos surdos, e de pesquisas realizadas nessa área, ficou evidente que este método havia fracassado. Foi a partir desse insucesso que surgiu o método da comunicação total – neste modelo a língua de sinais era aceita, mas utilizada somente como um recurso para a comunicação (ZANINI, 2018, p. 18).

Após o método da comunicação total, surgiu o bilinguismo, filosofia de ensino apontada como a ideal para uma melhor aquisição linguística e para o desenvolvimento das crianças surdas. Ao que tange ao oralismo, a comunicação total ocorre no bilinguismo, mediada pela LIBRAS, que pode ser melhor valorizada. Além disso, o professor pode assumir realmente seu papel como aquele que possibilita a construção da identidade das crianças surdas.

A língua de sinais deve ser vista como prioridade em qualquer formato de educação de surdos, seja em escolas bilíngues específicas para surdos, seja em escolas inclusivas, no atendimento educacional especializado. Onde houver um surdo é preciso que o professor esteja preparado para atendê-lo, que conheça a língua de sinais e também a cultura surda, para que o surdo possa crescer convivendo com a língua de sinais e com a comunidade surda, para ampliar seus conhecimentos. É preciso que a criança possa

estabelecer um diálogo diretamente com o professor, vivendo uma situação de equidade em relação aos ouvintes.

Em relação a esse papel importante da língua de sinais, Ladd e Gonçalves (2011) afirmam que as línguas são patrimônios culturais para as minorias linguísticas, como é o caso das comunidades surdas. No entanto, algumas minorias têm mais facilidade para transitar em meio à língua majoritária, no caso dos surdos, o valor da língua de sinais na escola “é reforçado pelas oportunidades limitadas de acesso (e, portanto, de aprendizagem) para crianças surdas a informações através de sua própria língua fora da escola, e pela limitada competência em língua de sinais da maioria dos professores ouvintes” (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 315).

Assim como Zanini (2018), Ladd e Gonçalves (2011) também discutem o papel do professor surdo na educação de surdos. Ladd e Gonçalves (2011) apresentam o conceito de holismo cultural, o que, no caso dos surdos, possibilita afirmar que “crianças surdas são seres completos (e não deficientes) que podem alcançar o máximo de seu potencial afetivo, acadêmico e social se a base de sua educação estiver enraizada na língua, nos valores e normas culturais de sua comunidade surda adulta” (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 304).

A partir das reflexões propostas por esses dois autores, reitera-se o entendimento de que o professor surdo possui um papel diferenciado, até mesmo porque “os educadores surdos têm a vantagem de levar às salas de aula

perspectivas culturais holísticas espontâneas para formar o alicerce de suas pedagogias” (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 304). É também por concordar com esses autores que se salienta a importância de olhar para as narrativas surdas e pensar de que maneira a docência é produzida.

O professor/adulto surdo possui habilidades específicas, construídas ao transitar entre surdos e ouvintes ao longo de sua formação, “esses surdos adultos, possuem, portanto, uma noção ampla dos caminhos e destinos das crianças: de onde elas ‘vêm’, para onde elas precisam ‘chegar’, e o que tem de ser feito para que elas desenvolvam o seu potencial” (LADD; GONÇALVES, 2011, p. 304). Os surdos adultos conseguem, portanto, enxergar-se nas novas gerações surdas e, a partir das próprias experiências, produzir o fazer pedagógico, que obviamente precisa ser alicerçado em conhecimentos pedagógicos e metodológicos.

Não é necessário que as aulas sejam adaptadas aos sujeitos surdos, mas que se enxergue a possibilidade de desenvolvimento desses escolares e que se pensem estratégias que possibilitem que esses sujeitos se sintam capazes de transitar nas fronteiras das comunidades surdas e ouvintes e que tenham conhecimento da própria cultura e também da cultura surda.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo refletir sobre o contexto educacional de crianças surdas, reconhecendo a

função da língua para a construção da identidade e considerando que esta se constitui a partir da significação. Para alcançar esse propósito, buscou-se analisar pesquisas sobre a temática, a fim de traçar um panorama geral dos estudos brasileiros compreendidos entre janeiro de 2018 e dezembro de 2019. A partir dos descritores “professor” e “surdo” na plataforma BDTD, encontraram-se 90 trabalhos, mas apenas dois deles foram selecionados para análise em função de sua similaridade com o tema deste trabalho.

Constatou-se que existe uma prevalência de estudos sobre professores surdos no ensino superior ou professores ouvintes/bilíngues com alunos surdos, incluídos ou não. Ademais, destaca-se o cenário atual, amparado legalmente em relação à educação de surdos, entretanto, a realidade ainda mostra divergências e, por isso, é necessário oportunizar momentos para refletir e agir acerca dos desafios enfrentados pelos professores e pelos alunos surdos.

É fato que a identidade é construída a partir das práticas e de posições pessoais que se assumem ao longo da vida. Visto que, em muitos casos, não é a família que ajuda o(a) filho(a) surdo(a) a formar e descobrir sua identidade, porque a formação de identidades surdas precisa ocorrer nos espaços culturais surdos. Nesse contexto, a escola de surdos tem um papel de suma importância, porque é o espaço de convivência do surdo com seus pares.

Outra razão é o modelo do adulto, mais especificamente, do(a) professor(a) surdo(a), que auxilia o educando, transmitindo sua cultura. Essa influência, porém, não atinge somente o aluno surdo, mas também as famílias, que, finalmente, veem uma possibilidade de inserção social de seus filhos. Além disso, constatou-se que diferentes autores têm discutido a função da língua na construção da identidade, destacando que esta se constitui a partir da significação.

Dessa forma, buscou-se trazer a discussão para o campo da surdez, levando em conta que o processo de formação da identidade surda começa por meio da interação com outros surdos, que podem adquirir, de modo natural, a língua de sinais e também assumem padrões de conduta e de valores da cultura e da comunidade surda. Nesse contexto, esta pesquisa mostrou a importância do modelo adulto surdo para a construção e constituição da identidade. Em função disso, acredita-se que seja importante investir na formação de professores para que possam orientar pedagogicamente seus alunos, a fim de que os educandos, cada vez mais cedo, consigam compreender o contexto em que o surdo está inserido, enaltecendo sua língua, sua cultura e sua identidade.

Referências

BAKHTIN, MIKHAIL. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM: PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DO MÉTODO SOCIOLÓGICO NA CIÊNCIA DA LINGUAGEM**. SÃO PAULO: EDITORA HUCITEC, 1988.

BORTONI-RICARDO, STELLA MARIS. **EDUCAÇÃO EM LÍNGUA MATERNA: A SOCIOLINGÜÍSTICA NA SALA DE AULA**. SÃO PAULO: PARÁBOLA EDITORIAL, 2004.

BRASIL. **LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002**. DISPÕE SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. BRASÍLIA, DF, 2002. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.PLANALTO.GOV.BR/CCIVIL03/LEIS/2002/L10436.HTM](http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/2002/L10436.htm). ACESSO EM: 13 ABR. 2019.

BRASIL. **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**. REGULAMENTA A LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002, QUE DISPÕE SOBRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS, E O ART. 18 DA LEI Nº 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2005. BRASÍLIA, DF, 2005. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW2.CAMARA.LEG.BR/LEGIN/FED/DECRET/2005/DECRETO-5626-22-DEZEMBRO-2005-539842-PUBLICACAOORIGINAL-39399-PE.HTML](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html). ACESSO EM: 13 ABR. 2019.

HAUTRIVE, GIOVANA MEDIANEIRA FRACARI. **APRENDIZAGEM DOCENTE DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DE APRENDIZES SURDOS**. 2011. 205F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, 2011.

HENTZ, MARIA IZABEL DE BORTOLI. A FORMAÇÃO DO SUJEITO: TECENDO UMA COMPREENSÃO. **REVISTA FÓRUM LINGÜÍSTICO**, v. 8, n. 1, JAN/JUN. 2011. p. 7-9.

LADD, PADDY; GONÇALVES, JANIE CRISTINE DO AMARAL. CULTURAS SURDAS E O DESENVOLVIMENTO DE PEDAGOGIAS SURDAS. IN KARNOPP LODENIR; KLEIN MADALENA; LUNARDI-LAZZARIN MÁRCIA LISE (ORG.). **CULTURA SURDA NA CONTEMPORANEIDADE: NEGOCIAÇÕES, INTERCORRÊNCIAS E PROVOCAÇÕES**. CANOAS-RS: EDITORA DA ULBRA, 2011. p. 295-330.

MIRANDA, WILSON DE OLIVEIRA. **A EXPERIÊNCIA E A PEDAGOGIA QUE NÓS SURDOS QUEREMOS**. 2007. 152F. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO), FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS, PORTO ALEGRE, 2007.

- PERLIN, GLADIS TERESINHA TASCHETTO. **O SER E O ESTAR SENDO SURDO: ENSAIOS**. 2002. 103F. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO), FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL- UFRGS, PORTO ALEGRE, 2002.
- PRODANOV, CLEBER; FREITAS, ERNANI. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: MÉTODOS E TÉCNICAS DA PESQUISA E DO TRABALHO ACADÊMICO**. NOVO HAMBURGO: EDITORA FEEVALE, 2013.
- QUADROS, RONICE MULLER DE; SCHMIEDT, MAGALI. **EDUCAÇÃO DE SURDOS: A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM**. PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 1997.
- QUEIROZ, ESMERALDA FERREIRA. **CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGÜÍSTICA EDUCACIONAL À FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR/LETRADOR DE ALUNOS SURDOS**. 2013. 243F. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO), UNIVERSIDADE FEDERAL DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, 2013.
- RANGEL, GISELE. **HISTÓRIA DO POVO SURDO EM PORTO ALEGRE: IMAGENS E SINAIS DE UMA TRAJETÓRIA CULTURAL**. 2004. 157F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO), FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL- UFRGS, PORTO ALEGRE. 2004.
- SANTANA, ANA PAULA; BERGAMO, ALEXANDRE. CULTURA E IDENTIDADES SURDAS: ENCRUZILHADA DE LUTAS SOCIAIS E TEÓRICAS. **EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: REVISTA DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO**. CAMPINAS: 2005.
- SKLIAR, CARLOS. **A SURDEZ: UM OLHAR SOBRE AS DIFERENÇAS**. PORTO ALEGRE: MEDIAÇÃO, 2011.
- SOUZA, RITA DE CÁCIA SANTOS; SANTOS, ALEX REIS DOS; FRANÇA, CAMILA SILVA DE; NEVES, CHARLES GRAZIÊNIO BATISTA; SOUZA-SANTOS, CLÉCIA; FEITOSA, DANIELLA RAMOS; SILVA, DANIELLE DE SOUZA; FILHO, GENIVALDO OLIVEIRA SANTOS; SILVA-SANTOS, GREISSE KELLY; SOUZA, IRANILDE DOS SANTOS ROCHA; BRITO, MONIC VASCONCELOS DE; BARBOSA, RAIMUNDA DOS SANTOS; ALBUQUERQUE, RICHARDSON BATALHA DE; OLIVEIRA, ROZILDA RAMOS DOS SANTOS; LISBOA, SUZY KELLY BARBOSA. **INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO DOS SURDOS**. ARACAJU: EDITORA CRIAÇÃO, 2014.
- STUMPF, MARIANE. **APRENDIZAGEM DE ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS PELO SISTEMA SIGN WRITING: LÍNGUAS DE SINAIS NO PAPEL E NO COMPUTADOR**. 2005. 300F. TESE (DOUTORADO EM EDUCAÇÃO), FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL-UFRGS, PORTO ALEGRE, 2005.
- TRIVIÑOS, AUGUSTO NIBALDO SILVA. **INTRODUÇÃO À PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS: A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO**. SÃO PAULO: ATLAS, 1987.

Contexto Educacional de Crianças Surdas...

Carine Mendes Garbin Diesel • Viviane Cristina de Mattos Battistello • et al..

V CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS. **A EDUCAÇÃO QUE NÓS SURDOS QUEREMOS.** DOCUMENTO ELABORADO PELA COMUNIDADE SURDA A PARTIR DO PRÉ-CONGRESSO, REALIZADO EM PORTO ALEGRE/RS, NO SALÃO DE ATOS DA REITORIA DA UFRGS NOS DIAS 20 A 24 DE ABRIL DE 1999.

VYGOTSKY, LEV S. **A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE: O DESENVOLVIMENTO DOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS SUPERIORES.** SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 1989.

ZANINI, JOSEANE. **ME ENSINOU DIVERSAS COISAS SOBRE SER SURDO”:** NARRATIVAS SOBRE O FAZER DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS. 2018. 51F. (TRABALHO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA), FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS, PORTO ALEGRE. 2018.